

JOJO MOYES

O olhar de Sophie

Tradução de
Ana Maria Chaves e Márcia Montenegro

1

Péronne, outubro de 1916

Eu estava a sonhar com comida. Baguetes estaladiças, com o miolo de um branco virginal, acabadas de sair do forno ainda a fumar, e com queijo amanteigado, a alastrar até à borda do prato. Taças cheias de uvas e ameixas, escuras e perfumadas, a impregnar o ar com os seus aromas. Estava prestes a tirar uma, mas, nesse momento, fui impedida pela minha irmã.

– Larga-me – murmurei. – Tenho fome.

– Sophie, acorda.

Até já sentia o gosto daquele queijo. Ia comer um bom bocado de Reblochon barrado numa fatia daquele pãozinho quente e depois ia meter uma uva à boca. Até já lhe sentia a doçura intensa e o aroma pungente.

Mas ela ali estava, a mão da minha irmã, a agarrar-me o pulso, a impedir-me. Os pratos estavam a desaparecer e os aromas a desvanecer-se. Tentei agarrá-los, mas começaram a rebentar, como bolas de sabão.

– Sophie.

– *O que foi?*

– Eles apanharam o Aurélien!

Virei-me de lado e pestanejei. A minha irmã tinha na cabeça uma touca de algodão, tal como eu, para nos mantermos quentes. A cara dela, mesmo à luz ténue da vela, estava pálida, e os olhos esbugalhados do choque.

– Eles têm o Aurélien. Lá em baixo.

Comecei a cair em mim. Do andar de baixo chegava-nos o som de homens a gritar, com as vozes a fazer ricochete no pátio empedrado, e de galinhas a cacarejar na capoeira. Naquela profunda escuridão, o ar vibrava com algum objetivo tenebroso. Sentei-me na cama, enrolei-me na camisa de dormir e tentei a custo acender a vela da mesa de cabeceira.

Passei pela Hélène aos tropeções, direita à janela, e olhei para baixo para os soldados que estavam no pátio, iluminados pelos faróis do veículo, e para o meu irmão mais novo, com os braços a proteger a cabeça, a tentar evitar as coronhadas que lhe eram desferidas.

– O que se passa?

– Eles sabem do porco.

– O quê?

– O Monsieur Suel deve ter-nos denunciado. Do meu quarto ouvia-os gritar. Ameaçavam levar o Aurélien se não dissesse onde ele estava.

– Ele não vai dizer nada – disse eu.

Estremecemos ao ouvir o nosso irmão a gritar. Nessa altura, eu mal conseguia reconhecer a minha irmã: parecia ter mais vinte anos do que os vinte e quatro que realmente tinha. E sabia que o medo dela estava refletido no meu próprio rosto. Estava a acontecer aquilo que tanto tínhamos temido.

– Eles têm um Kommandant com eles. Se o encontrarem – susurrou a Hélène, com a voz entrecortada pelo pânico – vão-nos prender a todos. Sabes bem o que aconteceu em Arras. Vão usar-nos como exemplo. O que é que vai acontecer às crianças?

Eu tinha a cabeça num turbilhão, e o medo de que o meu irmão pudesse falar deixava-me entorpecida. Pus um xaile pelos ombros, fui em bicos de pés até à janela e espreitei o pátio. A presença de um Kommandant significava que não era apenas um punhado de soldados bêbedos a tentar exorcizar as frustrações com meia dúzia de ameaças e coronhadas: nós estávamos mesmo em apuros. A sua presença significava que tínhamos cometido um crime que devia ser levado a sério.

– Eles vão encontrá-lo, Sophie. Mais minuto menos minuto. E depois... – A voz da Héléne subiu de tom, levada pelo pânico.

Os meus pensamentos tornaram-se sombrios. Fechei os olhos, mas logo os abri.

– Vai lá abaixo – disse. – Faz-te de ignorante. Pergunta-lhe que mal é que o Aurélien fez. Fala com ele, distrai-o. Dá-me só algum tempo antes de eles nos entrarem pela casa dentro.

– O que é que tu vais fazer?

Agarrei com força o braço da minha irmã.

– Vai. Mas não admitas nada, percebes? Nega *tudo*.

A minha irmã hesitou, mas depois saiu a correr para o corredor com a camisa de dormir a ondular atrás dela. Acho que nunca me tinha sentido tão sozinha como naqueles segundos, com o medo a apertar-me a garganta e o peso do destino da minha família sobre as minhas costas. Corri para o escritório do meu pai e revirei as gavetas da secretária grande, atirando para o chão tudo o que tinham dentro: canetas velhas, papéis, peças de relógios partidos e contas antigas, dando graças a Deus quando finalmente encontrei o que procurava. Em seguida desci as escadas, abri a porta da cave e desci aos saltos as frias escadas de pedra, já tão habituada à escuridão que mal precisava do clarão trémulo da vela. Levantei o pesado ferrolho da porta de acesso à cave das traseiras, que em tempos estivera atolada até ao teto de barris de cerveja e de bom vinho, desviei um dos barris vazios para o lado e abri a porta do velho forno de ferro fundido.

O porco, ainda um leitão, piscou os olhos, sonolento. Levantou-se e pôs-se a olhar para mim da cama de palha, a grunhir. Acho que ainda não falei no porco. Libertámo-lo quando confiscaram a quinta do Monsieur Girard. Como se abençoado por Deus, ele tinha-se perdido no meio da confusão, afastando-se dos leitões que estavam a ser carregados na traseira de um camião alemão, sendo rapidamente engolido pelas saias rodadas da Avó Poilâne. Estamos a engordá-lo há semanas com bolotas e restos, na esperança de o fazermos crescer o suficiente para termos um pouco de carne para todos. Foi a ideia daquela pele estaladiça, daquela carne suculenta, que manteve o ânimo dos clientes do Le Coq Rouge durante o último mês.

Ouvi o meu irmão a gritar lá fora outra vez e depois a voz da minha irmã, rápida e insistente, imediatamente interrompida pelo tom áspero de um oficial alemão. O porco lançou-me um olhar inteligente e compreensivo, como se já conhecesse o seu destino.

– Sinto muito, *mon petit* – sussurrei – mas esta é mesmo a única solução. – E agarrei-o.

Cheguei lá fora em poucos segundos. Tinha acordado a Mimi, dizendo-lhe apenas que devia vir comigo, mas muito caladinha – a menina já tinha visto tanto nos últimos meses que obedeceu sem fazer perguntas. Viu-me com o irmãozinho bebé ao colo, saltou da cama e deu-me a mão.

O ar estava cortante, com a aproximação do inverno, e pairava o cheiro a fumo da fogueira que tínhamos acendido por pouco tempo ao cair da noite. Vi o Kommandant pelo arco de pedra da porta das traseiras e hesitei. Não era o Herr Becker, que nós conhecíamos e desprezávamos. Este era um homem mais elegante, bem barbeado, impassível. Mesmo na escuridão, podia ver inteligência no seu rosto, e não ignorância bruta, o que me deixava com medo.

Este novo Kommandant estava a olhar especulativamente para as nossas janelas do andar de cima, talvez a pensar se a nossa casa não proporcionaria um aquartelamento melhor do que a quinta Fourrier, onde dormiam os oficiais séniore alemães. Suspeitei que soubesse que a nossa localização elevada lhe daria uma vista privilegiada sobre a cidade. Havia estábulos para os cavalos e dez camas, do tempo em que a nossa casa era um hotel afamado.

A Héléne estava no pátio a proteger o Aurélien com os braços.

Um dos homens ergueu a coronha, mas o Kommandant levantou a mão.

– Levantem-se – ordenou-lhes.

A Héléne recuou aos tropeções, afastando-se dele. Vislumbrei-lhe o rosto, tolhido de medo.

Senti a Mimi agarrar-se mais à minha mão ao ver a mãe, e eu apertei-lhe a dela, apesar de sentir o coração a bater descompassadamente. E saí.

– Mas, afinal, o que é que se passa aqui? – A minha voz ressoou no pátio.

O Kommandant virou-se para mim, surpreendido com o meu tom de voz: uma jovem a atravessar a arcada do pátio da quinta, com uma criança a chuchar no dedo agarrada à sua saia e outra toda embrulhada e aconchegada contra o peito. A minha touca de dormir estava de esguelha e a camisa de dormir de algodão branco tão puída que mal sentia o tecido contra a minha pele. Rezava para que ele não conseguisse ouvir as batidas quase audíveis do meu coração.

Dirigi-me diretamente a ele:

– Qual foi a suposta infração que fez os seus homens virem aqui punir-nos?

Acho que ele não ouvia nenhuma mulher falar-lhe naquele tom desde a última vez que tinha ido a casa de licença. O silêncio que se abateu sobre o pátio era chocante. O meu irmão e a minha irmã, caídos no chão, viraram-se para me verem melhor, perfeitamente cientes do que esta insubordinação nos poderia custar a todos.

– O seu nome é...?

– Madame Lefèvre.

Percebi que ele estava à procura da minha aliança de casamento. Nem precisava de se ter incomodado: como a maioria das mulheres da nossa região, há muito que a tinha vendido para comprar comida.

– Madame. Fomos informados de que estão a criar gado ilegalmente. – O seu francês era aceitável, indicando prováveis destacamentos anteriores em território ocupado, e a sua voz era calma. Não era homem que se sentisse ameaçado pelo imprevisto.

– Gado?

– Uma fonte segura diz-nos que têm um porco aqui em casa. Certamente sabem que, por lei, a pena para quem sonegar gado à administração é a prisão.

Sustentei o olhar dele.

– E eu sei exatamente quem poderia tê-los informado de tal coisa. O Monsieur Suel, *non*? – As minhas faces ruborizaram-se; o meu cabelo, preso numa longa trança que me caía sobre o ombro, ficou cheio de eletricidade e picava-me a nuca.

O Kommandant virou-se para um dos seus subordinados. O olhar de soslaio do soldado confirmou-lhe que era verdade.

– O Monsieur Suel, Herr Kommandant, vem aqui pelo menos duas vezes por mês para nos tentar convencer de que na ausência dos nossos maridos temos necessidade do seu tipo de conforto. Como decidimos não nos aproveitar da sua pretensa gentileza, ele recompensa-nos com boatos e põe em perigo as nossas vidas.

– As autoridades não agiriam se a fonte não fosse credível.

– Pois eu diria, Herr Kommandant, que esta visita indica o contrário.

O olhar que ele me lançou era impenetrável. Deu meia-volta e encaminhou-se para a porta da casa. Segui-o, a tropeçar na saia ao tentar acompanhá-lo. Sabia que o simples facto de falar com ele com tanta desfaçatez talvez pudesse ser considerado crime. No entanto, naquele momento já não tinha medo.

– Olhe para nós, Kommandant. Parece-lhe que nos andamos a deleitar com bifes, borrego assado ou febras de porco? – Ele virou-se e olhou-me para os pulsos esqueléticos, bem visíveis, a sair das mangas da camisa de dormir. Só no último ano tinha perdido cinco centímetros de cintura. – Estamos assim tão grotescamente gordos com a fatura do nosso hotel? De duas dúzias de galinhas restam-nos três. Três galinhas que temos o prazer de manter e alimentar para que talvez os seus homens possam levar os ovos. Entretanto, vivemos com aquilo que as autoridades alemãs acreditam ser uma dieta aceitável: porções cada vez mais diminutas de carne e de farinha, e pão feito de farelo, tão pobre que nem serviria para alimentar gado.

Ele já ia ao fundo do pátio da entrada, com os tacões a ecoar pelas lajes fora. Hesitou e depois acercou-se da grade, gritou uma ordem. Um soldado materializou-se do nada e entregou-lhe uma lanterna.

– Nós não temos leite para os nossos bebés, as nossas crianças choram com fome, vamos ficar doentes por má nutrição. E, mesmo assim, vocês vêm aqui a meio da noite para aterrorizar duas mulheres e maltratar um rapaz inocente, para nos espancar e ameaçar, porque um homem sem moral lhes disse que nós nos andávamos a *banquetear*?

Eu tinha as mãos a tremer. Ele viu o bebé a contorcer-se e apercebi-me de que a minha tensão era tanta que estava a apertá-lo de

mais. Recuei, compus o xaile e comecei a cantarolar uma canção de embalar. Depois ergui a cabeça. Não conseguia disfarçar a amargura e a raiva na voz.

– Então reviste-nos a casa, Kommandant. Vire-a de pernas para o ar e destrua o pouco que ainda não foi destruído. Reviste também os anexos, aqueles que os seus homens ainda não desmontaram para as suas próprias conveniências. Quando encontrar esse porco mítico, espero que os seus homens façam um belo jantar com ele.

Sustentei o olhar dele, novamente, talvez um pouco mais do que ele estava à espera. Pela janela podia ver a minha irmã a limpar as feridas do Aurélien com a ponta da saia, tentando estancar o sangue. Três soldados alemães estavam junto deles.

Os meus olhos já se tinham habituado à penumbra e percebi que o Kommandant estava inseguro. Os seus homens, com a dúvida nos olhos, esperavam pelas suas ordens. Podia ordenar-lhes que desmantelassem a casa até às traves e nos prendessem devido à minha explosão intempestiva. Mas eu sabia que ele estava a pensar no Suel e no facto de poder ter sido enganado. Não me parecia o tipo de homem que gostasse de ser apanhado em falso.

Quando eu e o Édouard jogávamos póquer, ele ria-se e dizia que eu era uma adversária impossível, pois a minha expressão nunca revelava os meus verdadeiros sentimentos. Disse a mim mesma que este era o momento de me lembrar dessas palavras: este era o jogo mais importante que alguma vez jogara. Eu e o Kommandant enfrentávamo-nos, olhos nos olhos. Senti por momentos que o mundo tinha parado à nossa volta: conseguia ouvir o ribombar distante das armas na frente de batalha, a minha irmã a tossir, as pobres das nossas galinhas esqueléticas a esgravatar em alvoroço na capoeira. Tudo se desvaneceu até só restarmos nós, de olhos nos olhos, cada um a apostar na verdade. Juro que conseguia ouvir o bater do meu próprio coração.

– O que é isto?

– O quê?

Ele levantou a lanterna e o objeto ficou vagamente iluminado por uma ténue luz dourada: o meu retrato, pintado pelo Édouard quando nos casámos. Ali estava eu, naquele primeiro ano de

casamento, com o cabelo forte e brilhante a cair sobre os ombros, a pele clara e radiosa e, no olhar, o autodomínio dos que são amados. Tinha-o tirado do esconderijo algumas semanas antes, dizendo à minha irmã que estava condenada se deixasse os alemães decidirem para onde eu devia olhar dentro da minha própria casa.

Ele ergueu a lanterna um pouco mais alto para o ver melhor. *Não o ponhas aí, Sophie*, tinha avisado a Hélène. *Vais arranjar sarilhos.*

Quando ele finalmente se virou para mim, foi como se tivesse de arrancar os olhos do retrato. Olhou para a minha face e, depois, novamente para o retrato.

– Foi o meu marido que o pintou. – Não sei porque senti necessidade de lho dizer. Talvez fosse a certeza da minha justa indignação. Talvez fosse pela diferença óbvia entre a rapariga do retrato e a que estava ali diante dele. Talvez fosse pela criança loura que chorava a meus pés. É possível que até os Kommandants, ao fim de dois anos de ocupação, estivessem a ficar cansados de nos atormentar por delitos insignificantes.

Ele olhou para o quadro por mais algum tempo e em seguida baixou os olhos para o chão.

– Acho que fomos bem claros, Madame. A nossa conversa ainda não terminou, mas esta noite não vou incomodá-la mais.

Detetou no meu rosto o rasgo de mal contida surpresa e percebi que isso lhe deu alguma satisfação. Talvez lhe bastasse saber que eu tinha acreditado que estava condenada. Este homem era inteligente e subtil. Teria de ser cautelosa.

– Soldados.

Os seus homens viraram-se, em obediência cega, como sempre, e dirigiram-se para o veículo militar com os uniformes recortados contra os faróis. Segui-o e fiquei à porta. A última vez que lhe ouvi a voz foi a dar ordem para partirem.

Esperámos até o veículo descer a rua esburacada, com os faróis a apalpar terreno. A Hélène tinha começado a tremer. Levantou-se atabalhoadamente, com a mão lívida na testa e os olhos completamente cerrados. O Aurélien estava ao meu lado, desconfortável, a segurar a mão da Mimi, envergonhado pelas suas lágrimas infantis. Esperei que os últimos ruídos do motor se dissipassem, mas o

motor rugia colina acima, como se também ele estivesse a trabalhar sob protesto.

– Estás ferido, Aurélien? – Toquei-lhe na cabeça. Feridas superficiais. E nódoas negras. Que tipo de homens atacam um rapaz desarmado?

– Não doeu – disse ele, estremeçando. – Eles não me meteram medo.

– Pensei que ele te ia prender – disse a minha irmã. – Pensei que nos ia levar a todos presos. – Eu tinha medo quando ela ficava assim: como se estivesse à beira de um abismo. Limpou os olhos e forçou um sorriso enquanto se baixava para abraçar a filha. – Que idiotas, os alemães. Pregaram-nos cá um susto, não foi? A mamã é uma tonta por ter ficado assustada.

A menina olhava para a mãe, muito calada e muito séria. Às vezes perguntava-me se alguma vez voltaria a ver a Mimi a rir.

– Desculpa. Eu agora estou bem – continuou ela. – Vamos todos para dentro. Mimi, vou aquecer-te um pouco do leite que temos. – Limpou as mãos à camisa de noite ensanguentada e estendeu os braços para eu lhe passar o bebé. – Queres que pegue no Jean?

Eu tinha começado a tremer convulsivamente, como se tivesse acabado de me aperceber do medo que devia ter sentido. Sentia as pernas fraquejar, como se toda a minha força me estivesse a abandonar. Senti uma necessidade urgente de me sentar.

– Quero – disse eu. – Acho que deves.

A minha irmã estendeu os braços e em seguida deu um grito. Ali, aconchegado na manta, todo embrulhado, mal apanhando o ar da noite, estava o focinho peludo e cor-de-rosa do porquinho.

– O Jean está a dormir lá em cima – disse eu. Levei uma mão à parede para me amparar.

O Aurélien olhou por cima do ombro dela. Ficaram todos a olhar para o porco.

– *Mon Dieu.*

– Está morto?

– Anestesiado com clorofórmio. Lembrei-me que o pai tinha um frasco no escritório, do tempo em que colecionava borboletas. Acho

que vai acordar. Mas vamos ter de arranjar outro sítio para o ter, para quando eles voltarem. E vocês sabem que eles vão voltar.

Nesse momento, o Aurélien sorriu, um raro e longo sorriso de satisfação. A Hélène inclinou-se para mostrar à Mimi o porquinho a dormir e ambas esboçaram um sorriso. A Hélène não parava de lhe tocar no focinho, tapando a cara com a outra mão, como se não acreditasse no que estava a tocar.

– Tu andavas ali com o porco ao colo mesmo à frente deles? Eles entraram por aqui dentro e tu com o porco mesmo debaixo do nariz deles? E ainda os censuraste por *aqui terem vindo*? – A voz dela soava incrédula.

– Mesmo debaixo do focinho deles – disse o Aurélien, que parecia de repente ter recuperado um pouco as suas fanfarronadas. – Ah, ah! Andavas com o porco mesmo debaixo do focinho deles!

Sentei-me na calçada e desatei a rir. Ri até ficar gelada e já não saber se estava a rir ou a chorar. O meu irmão, talvez com medo de que eu estivesse a ficar histérica, pegou-me na mão e encostou-se a mim. Com catorze anos, tanto se comportava como um homem como às vezes parecia uma criança, a precisar de conforto.

A Hélène continuava absorta nos seus pensamentos.

– Se eu soubesse... – disse ela. – Como é que te tornaste tão co-rajosa, Sophie? A minha irmãzinha! Quem te pôs assim? Quando éramos crianças, eras como um ratinho. Um rato!

Não tinha a certeza se sabia a resposta.

E depois, quando finalmente voltámos para dentro, e enquanto a Hélène deitava leite no fervedor e o Aurélien começava a lavar a sua pobre cara tão maltratada, eu parei diante do retrato.

Aquela rapariga, a rapariga com quem o Édouard tinha casado, olhava-me com uma expressão que eu já não reconhecia. Ele tinha-a visto em mim muito antes de qualquer outra pessoa: aquele sorriso falava de conhecimento, de felicidade dada e recebida. Falava de orgulho. Quando os seus amigos parisienses tinham achado que o seu amor por mim – uma empregadinha de loja – era inexplicável, ele tinha-se limitado a sorrir, porque já vislumbrava tudo isto em mim.

Nunca cheguei a saber se ele percebeu que tudo aquilo só existia por causa dele.

Deixei-me ali ficar a olhar para ela e, por alguns segundos, lembrei-me de como fora aquela rapariga, sem fome, sem medo, entre-tida apenas por pensamentos fúteis sobre os momentos íntimos que passaria com o Édouard. Ela recordava-me que o mundo também consegue ser belo e que um dia tinha havido coisas, como a arte, a alegria e o amor, que preenchiam o meu mundo, em vez do medo, da sopa de urtigas e do recolher obrigatório. Eu via-o a ele na minha expressão. E só então me apercebi do que tinha acabado de fazer. Ele tinha-me feito recordar a minha própria força, toda a força que ainda havia dentro de mim para lutar.

Quando voltares, Édouard, prometo tornar a ser a mulher que pintaste.